

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 1 2018

ARTIGO

MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS: OS SÍTIOS VIZINHOS ÀS GRANDES ALDEIAS DE SANTARÉM, PA

Denise Maria Cavalcante Gomes*, Adriana Cardoso Silva**, Robson Rodrigues***

RESUMO

A caracterização das sociedades complexas pré-coloniais na Amazônia tem sido discutida desde os anos 1970, sendo a região de Santarém, PA, um local de especial interesse no que tange a esse debate. Embora inicialmente baseada em projeções de fontes etno-históricas, a discussão regional avançou recentemente a partir de evidências materiais reunidas por meio de pesquisas sistemáticas. Assim, esse artigo apresenta os resultados de um levantamento arqueológico realizado em Santarém, numa área situada na margem direita do rio Tapajós, entre a atual cidade de Santarém e o município de Belterra. Os resultados, que foram pensados à luz do conceito de desterritorialização, proposto por Deleuze e Guatarri, apontam a existência de sítios implantados em diferentes locais na paisagem, indicando a fragmentação do espaço.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Santarém; Prospecção Arqueológica.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Pesquisadora do CNPq. Email: denisecavalcante@yahoo.com, Museu Nacional – Quinta da Boa Vista s/n, 20.940-040 - São Cristóvão – Rio de Janeiro – RJ.

** Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

*** Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Sociais.

MULTIPLE TERRITORIES:

THE NEIGHBORING SITES TO LARGE VILLAGES OF SANTARÉM, PA

ABSTRACT

The character of complex societies in pre-colonial Amazonia has been discussed since the 1970's, being the region of Santarém, PA, a place of particular interest with respect to this debate. Although initially based on projections of ethnohistorical sources, the discussion has moved recently from material evidence gathered through systematic research. This article presents the results of an archaeological survey held in Santarém, in an area located on the right bank of the Tapajós River, between the city of Santarem and the municipality of Belterra. The results, thought in the light of the concept of deterritorialization, proposed by Deleuze and Guattari, show the existence of sites deployed in different locations in the landscape, indicating the fragmentation of space.

Keywords: Amazonian Archaeology; Santarém; Archaeological Prospection.

MÚLTIPLES TERRITORIOS:

LOS SITIOS VECINOS A GRANDES ALDEAS DE SANTARÉM, PA

RESUMEN

La caracterización de las sociedades complejas en la Amazonia pre-colonial se ha discutido desde los años 1970, siendo la región de Santarém, PA, un lugar de particular interés con respecto a este debate. Aunque inicialmente basado en proyecciones de fuentes etnohistóricas, la discusión regional ha avanzado recientemente a partir de evidencias materiales reunidas mediante la investigación sistemática. Por lo tanto, este artículo presenta los resultados de una prospección arqueológica en Santarém, en una zona situada en la margen derecha del río Tapajós, entre la actual ciudad de Santarem y la municipalidad del Belterra. Los resultados, que fueron pensados teniendo en cuenta el concepto de desterritorialización, propuesto por Deleuze y Guattari, sugieren la existencia de sitios en diferentes lugares en el paisaje, lo que indica la fragmentación del espacio.

Palabras clave: Arqueología Amazónica; Santarém; Prospección Arqueológica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute os resultados de um levantamento arqueológico realizado numa área de 500 km² situada na margem direita do rio Tapajós entre a cidade de Santarém e o atual município de Belterra, PA. Esse levantamento se insere numa linha de investigação cujo objetivo é a compreensão da natureza do poder político na Amazônia pré-colonial, através de um diálogo estabelecido entre a arqueologia e etnologia indígena. Diferentes classes de evidências materiais foram aqui consideradas: tamanho dos sítios; locais de implantação na paisagem; e características formais e iconográficas da cerâmica.

Os dados obtidos a partir dos sítios associados à ocorrência de cerâmica da fase Santarém, bem como sua comparação com as informações produzidas por pesquisadores atuantes na região (SCHAAN, 2016; SCHAAN & LIMA, 2012; STENBORG, 2016; STENBORG *et. al.*, 2012; STENBORG *et. al.*, 2014), revelam diferentes padrões de ocupação pré-colonial. Na área em questão, além de sítios habitação de diferentes dimensões e de sítios aparentemente com função defensiva, a existência de pequenas aldeias sem visibilidade, implantadas em topos de morro cobertos por floresta, também é relevante. Fica, desse modo, evidente a fragmentação do espaço.

Entretanto, o significado dessa configuração espacial na região de Santarém só pode ser entendido por meio da constatação de que existem aldeias maiores (Sítios Aldeia e Porto) com expressiva densidade populacional, que se articulam aos demais sítios, especialmente durante os últimos três séculos antes da conquista europeia. A questão que se coloca é de natureza política, que diz respeito a escolhas dos coletivos humanos e ao uso do território. Nos anos 1990 e início dos anos 2000 o modelo interpretativo dominante para compreender esse tipo de conformação espacial dos sítios pré-coloniais de Santarém defendia a existência de cacicados – sociedades complexas organizadas regionalmente – sendo esse território visto de modo hierarquizado com a existência de assentamentos centrais e aldeias satélites subordinadas a eles (ROOSEVELT, 1987; 1991; 1993). O conceito de heterarquia foi incorporado posteriormente ao debate, fazendo com que Roosevelt (1999:27) definisse Santarém como um cacicado de “centralização política moderada”. Tal interpretação, ainda que partilhada pelos referidos pesquisadores atuantes na região de Santarém, tem sido recentemente revista a partir de uma visão que desconsidera a hipótese de centralização política entre os Tapajó, mas enfatiza a existência de hierarquias sociais, além de laços regionais construídos por meio de atividades produtivas e rituais (Gomes, 2017). Nesse artigo propomos então que a compreensão das configurações territoriais identificadas em Santarém, durante os três últimos séculos que antecedem a conquista, pode ser iluminada a partir do conceito de desterritorialização proposto por Deleuze & Guatarri (1995; 1997 [1980]).

OS LEVANTAMENTOS ANTERIORES

O mais extenso levantamento de sítios realizado na região de Santarém, PA, foi conduzido por Curt Nimuendaju (1949; 2004) nos anos de 1923 a 1926. O etnólogo alemão, que nessa época estava a serviço do Museu de Gothenburg, identificou 140 sítios arqueológicos de terra preta, dos quais a maior parte é associada à fase Santarém. Nimuendaju percorreu uma ampla área no rio Amazonas que fornece os limites dessa ocupação, dado pelo rio Trombetas a oeste, pela foz do rio Xingu a leste, por Alenquer ao norte, além de abranger cerca de 50km ao longo do rio Tapajós, ao sul de Santarém, incluindo a região do Lago Grande de Vila Franca, o rio Arapixuna e o afluente mais próximo da margem esquerda – o rio Arapiuns. Além das margens dos rios, seu

levantamento abrangeu a interiorização da região de Belterra, o que revelou a existência de sítios no planalto, distantes da margem do rio Tapajós cujo abastecimento de água era garantido por poços cavados, sendo eles ligados por estradas e caminhos. O maior e mais importante sítio de terra preta identificado por Nimuendaju foi o Aldeia, no centro da cidade de Santarém, hoje totalmente coberto pela ocupação urbana e recentemente delimitado e escavado por Gomes (2017).

Durante a vigência do PRONAPABA, Perota (1979; 1982) prospectou entre 1979 e 1982 áreas no Médio e Alto Tapajós, identificando 26 sítios arqueológicos. Nesse contexto, o propósito da pesquisa era ampliar os dados sobre a tradição Incisa e Ponteada, desde a foz do rio Curi (divisa do município de Itaituba e Aveiros) até a região acima do rio Jamanxim. No Médio Tapajós, o pesquisador informa que em apenas dois sítios da margem direita do Tapajós (sítios Santarenzinho e Castanheiro) foi identificada a presença de cerâmica Santarém, com raros fragmentos cuja presença foi explicada por meio de trocas (SIMÕES, 1978-1982). Já no Alto Tapajós, Perota (1982) aponta a existência de cerâmica associada à tradição Incisa e Ponteada bem como de outra cerâmica atribuída aos Munduruku, além de outra sem classificação definida, que se destaca pela ausência quase completa de elementos decorativos. Sua conclusão foi que a ocupação Santarém estava de fato concentrada no Baixo Tapajós, com evidências limitadas de interação ao Médio Tapajós.

As informações reunidas por Nimuendaju mais tarde serviram para que Roosevelt estipulasse a abrangência da fase Santarém num espaço regional com cerca de 23.000km². Além disso, os dados sobre o tamanho e localização dos sítios fizeram com que um modelo hierárquico de ocupação territorial se estabelecesse sem grande esforço, tendo o sítio Aldeia como uma espécie de capital do cacicado de Santarém e os sítios ao seu redor como aldeias satélites (ROOSEVELT, 1987; 1991; 1993; 1999). Por outro lado, durante o desenvolvimento do “Projeto Baixo Amazonas”, nas décadas de 1980 e 1990, Roosevelt não investiu na prospecção regional, mas deu prioridade à escavação sistemática de sítios pontuais para a construção de uma cronologia até então inexistente. Trabalhos acadêmicos de colaboradores associados à Roosevelt (QUINN, 2004) apresentaram contribuições sobre os padrões de ocupação do sítio do Porto, documentando as estruturas existentes além de uma cronologia associada a ocupações ceramistas formativas entre 2912 e 2270 AP e outra mais tardia relativa à fase Santarém entre 664 e 330 AP.

Nos anos de 2006 a 2010 Schaan e colegas realizaram diversos levantamentos nos municípios de Santarém, Belterra, Rurópolis e Itaituba tanto como parte de diagnósticos preliminares e projetos de arqueologia de contrato, envolvendo as rodovias BR-163 e BR-230 (Transamazônica) (MARTINS, 2012; SCHAAN, 2012) bem como de projetos acadêmicos a exemplo do “*Cultivated Wilderness Project*” em parceria com Per Stenborg e outros (STENBORG *et. al.*, 2012; STENBORG *et. al.*, 2014; STENBORG, 2016). O levantamento regional contabilizou 111 sítios, a maior parte deles associados à ocorrência de cerâmica Santarém, confirmando a importância arqueológica do planalto de Belterra com a identificação de sítios com poços em formato de depressões circulares ou elípticas, reconhecendo que essas formas de manejo hídrico consistiram no fator decisivo para a ocupação dessa região cuja expansão desde Santarém se deu a partir do século XIV d.C. (STENBORG *et. al.*, 2014:153).

Na região entre Alter do Chão e no planalto de Belterra três tipos de sítios foram preliminarmente identificados pelos referidos autores: 1) grandes aldeias, com densa ocupação; 2) aldeias de tamanho similar, mas com menor concentração de material, cuja provável gênese estaria ligada à agricultura e com um período de ocupação mais

curto; 3) sítios pequenos, com diferentes funções, a exemplo de sítios associados ao gerenciamento de recursos hídricos; de assentamentos anteriores aos grandes centros populacionais; e sítios posteriores ao contato, envolvendo, segundo o autor, realocação preventiva, com a possibilidade conflitos, sendo esses sítios algumas vezes localizados em topo de morro (STENBORG *et. al.*, 2012:239-242).

Posteriormente, Stenborg (2016:15-20) e Schaan (2016:25) refletem sobre a ocupação inicial do platô de Belterra como um processo associado a uma estratégia de agricultura sazonal, que progressivamente evoluiu para uma ocupação de aldeias permanentes. Os autores assinalam que a competição entre grupos vizinhos pode ter dado origem a disputas envolvendo o controle da terra e a necessidade de presença permanente nessas áreas, severamente afetadas pela falta d'água na estação de seca, mas que se valiam dos poços para abastecimento. As datações obtidas sugerem que houve uma intensificação da ocupação humana entre os séculos XIV e XVII. Os resultados do levantamento no platô de Belterra e das escavações nos sítios Bom Futuro, Cedro e Amapá mostram que uma população significativa vivia no interior nesse período da história de ocupação da região de Santarém, indicando uma expansão tardia e que provavelmente no período pós-colonial os assentamentos assumiram outro sentido, por estarem localizados longe do principal rio. Dentre outros aspectos, a importância dessa conclusão é que ela advém unicamente da pesquisa arqueológica, sem qualquer projeção das fontes etno-históricas.

Comparações no que tange ao tamanho e conteúdo cultural dos assentamentos, estabelecidas entre o sítio Porto, os sítios do platô de Belterra e outros em situações topográficas diversas fazem com que a relação de centro-periferia seja considerada por Schaan (2016:33-34), ainda que a cerâmica não seja vista como um indicador de hierarquia entre esses sítios. Segundo a autora, não parece existir um padrão de superioridade técnica ou iconográfica entre as cerâmicas fabricadas no sítio Porto e os demais sítios, o que indica que esse estilo não foi uma prerrogativa do suposto centro político. Aponta ainda, que ao contrário de Marajó onde a hierarquia desses espaços está relacionada ao uso de cerâmica cerimonial elaborada e à inumação secundária, o mesmo não ocorre na área de Santarém, cuja distribuição da cerâmica parece sugerir relações igualitárias e de solidariedade, mais do que uma hierarquia rígida.

O potencial ecológico de sítios ribeirinhos localizados na margem direita do rio Tapajós na região da Flona-Tapajós – unidade de conservação localizada ao sul de Santarém – também foi reconhecido durante os primeiros levantamentos realizados por Schaan, e, alguns deles, a exemplo do sítio São Domingos, vistos como estrategicamente posicionados próximos a igarapés e lagos que durante a cheia funcionam como berçários naturais para a reprodução de peixes e quelônios (SCHAAN, 2012:24-29). Além disso, o recente levantamento conduzido na Flona-Tapajós por Figueiredo (2016) permitirá avaliar questões relativas às relações sociopolíticas estabelecidas nessa área periférica, com respeito à ocupação central de Santarém.

Outra contribuição para a arqueologia regional advém das pesquisas entre Rurópolis e Itaituba, numa área afastada da margem do rio Tapajós e considerada pelos estudiosos como a periferia da área de influência Tapajônica, onde foram identificados 26 sítios de terra firme com grande diversidade cultural, com uma cultura material associada à tradição Incisa e Ponteada, sem influência direta da cerâmica Santarém de modo a inferir algum tipo de domínio sociopolítico (MARTINS, 2012:52).

Tanto as conclusões de Martins (2012) como as hipóteses de pesquisa de Figueiredo (2016:48) se baseiam nas proposições de Gomes (2008) acerca da relativa independência cultural e política dos grupos da periferia de Santarém com relação às grandes aldeias centrais. Entre 2001 e 2003 foram desenvolvidos por Denise Gomes

levantamentos numa área localizada na Resex Tapajós-Arapiuns a cerca de 80 km ao sul de Santarém, na margem esquerda do rio Tapajós. Nessa área foram identificados 10 sítios arqueológicos, dentre eles 9 pré-coloniais. Alguns deles são antecidos por antigas ocupações cerâmicas vinculadas à Tradição Borda Incisa (MEGGERS & EVANS, 1961) com datações entre 2460 AP. e 1840 AP. Essa classificação decorre das coletas realizadas por Hilbert na comunidade de Boim, nas proximidades de Parauá, nas quais se basearam Meggers & Evans (1961). Além disso, foi identificada nessa área uma cerâmica mais tardia associada a ocupações mais sedentárias, vinculada à Tradição Incisa e Ponteada, com datas entre 1020 A.P. a 910 A.P., num período compatível com a expansão dos Tapajó ou de desenvolvimento dos supostos cacicados.

As dimensões dos sítios variam entre 1,5 ha e 39 ha, e a tipologia proposta que leva em conta os locais de implantação, a densidade de vestígios e presença de solos de TPA – terra preta antropogênica (10 YR 2/1; 7.5 Y R 2.5/1) ou de solos de TM – terra mulata (10 YR 4/2; 10 YR 3/3), associados por Woods & McCann (1999) ao cultivo pode ser assim sintetizada: 1) Sítios Habitação (Parauá-Centro; Terra Preta; Lago do Jacaré I; Lago do Jacaré II; Lago do Jacaré III); 2) Sítio Acampamento de Pesca (Igarapé) e 3) Sítios Agrícolas (Chagas; Arara Castanha; Zenóbio). Devido à raridade de artefatos associados à ocupação Santarém – apenas 1 fragmento de vaso de cariátides, que constitui uma variação do tipo encontrado no sítio Aldeia e arredores, além de 1 fragmento de prato de estilo Konduri encontrados nas escavações do sítio Lago do Jacaré 1, concluiu-se que essa região não teria desenvolvido nenhum tipo de relação de subordinação com relação às aldeias centrais (GOMES, 2008).

OS SÍTIOS VIZINHOS ÀS GRANDES ALDEIAS

Métodos empregados

Na margem direita do rio Tapajós, numa área delimitada por um quadrilátero estabelecido entre a cidade de Santarém e o atual município de Belterra, foi realizado um levantamento arqueológico durante os anos de 2006 e 2010 (GOMES, 2007b; 2010b; 2017). A prospecção envolveu o levantamento prévio de informações geográficas contextuais (mapas), o que permitiu a elaboração de um mapa regional para que os sítios fossem plotados (Figura 4). A metodologia adotada pode ser descrita de acordo com a classificação de David (2006:9) como sendo tradicional, incluindo métodos não destrutivos tais como caminhamentos, observação das variações da cor do solo e coleta amostral de artefatos em superfície, além do registro da área de distribuição de artefatos com uso de GPS. De acordo com esse autor, essas últimas estratégias são possíveis apenas em áreas onde o cultivo ou erosão expôs os vestígios em superfície. A prospecção também esteve associada a uma estratégia oportunística, baseada na coleta de informações orais pelos habitantes locais. Devido à variabilidade dos locais de implantação dos sítios na paisagem (Figura 1), indicados pelos informantes, foram empregadas técnicas distintas, uma vez que alguns sítios estão localizados em áreas impactadas pela agricultura familiar e outros em áreas florestadas e por isso sujeitas às limitações severas de visibilidade e acessibilidade impostas pela densa vegetação (ZEIDLER, 1995).

Contudo, esforços adicionais foram feitos no sentido de ultrapassar as dificuldades de acessibilidade e visibilidade do solo causadas pela cobertura vegetal em áreas florestadas. Nesse último caso, foi necessário proceder à abertura de *transects* em áreas com maior densidade de vegetação para permitir o acesso às áreas de interesse (Figuras 1 e 2). Informações sobre a existência de sítios, disponíveis no mapa de Nimuendajú (2004), também foram consideradas. Optou-se ainda por uma estratégia não

interventiva, procedendo a coletas amostrais de superfície, somente para identificação dos componentes culturais.

Figura 1 – Estratégias de prospecção: 1.1. Coleta de informações orais; 1.2. Abertura de transects; 1.3. Vistoria de superfície; 1.4. Vistoria de perfis.



Figura 2 - Locais de implantação dos sítios na paisagem: 2.1. Sítio de terra preta em topo de serra (roça de mamão); 2.2. Sítio em topo de morro; 2.3. Sítio na borda do platô de Belterra; 2.4. Sítio às margens de lago.



Os sítios foram delimitados através do registro da área de dispersão dos artefatos em superfície, o que permitiu estabelecer uma estimativa de suas dimensões em hectares. Esses locais tiveram suas coordenadas registradas pelo sistema de projeção cartográfica UTM (*Datum SAD 69*), além de informações relativas aos locais de implantação na paisagem (compartimento topográfico, altitude, tipo de solo e fonte de água mais próxima) e das características da ocupação cultural (tipo de cerâmica e densidade relativa e fragmentos).

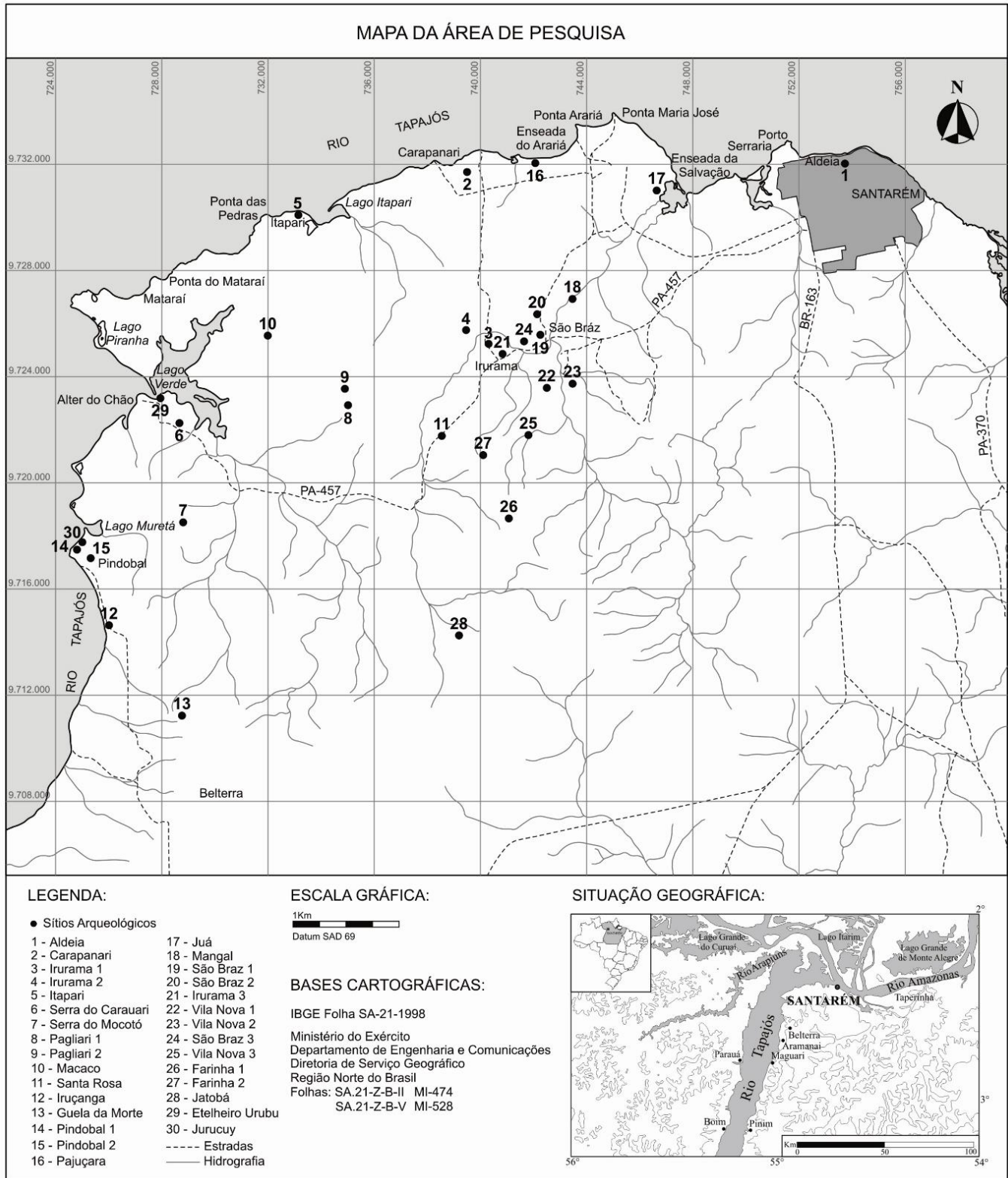
Resultados obtidos

Os resultados revelaram a identificação de 30 novos sítios de terra preta antropogênica (TPA), a maior parte deles associados à ocorrência de cerâmica da fase Santarém, com exceção do sítio Iruçanga, que apresentou uma cerâmica com um estilo de decoração distinta, correlacionada à tradição Incisa e Ponteadada (Figuras 3 e 4). As dimensões dos sítios detectados nessa área de 500 km² (20 km X 25 km), situada na margem direita do rio Tapajós, entre Santarém e Belterra, são bastante variáveis. As grandes aldeias centrais situadas às margens do Tapajós chegam a 120 ha a exemplo do sítio Aldeia. As aldeias menores localizadas em distintos componentes paisagísticos variam entre 0,5 e 2,2 ha sendo esse o caso de sítios distantes do rio principal e próximos a igarapés. Uma exceção são alguns sítios de margem de rio que chegam até 27,2 ha como o sítio Etelheiro Urubu, em Alter do Chão. Embora distintas, as dimensões dos sítios em topos de morro atingem até 26,4 ha.

Figura 3 – Cerâmicas coletadas e/ou examinadas durante a prospecção. 3.1. Fragmentos cerâmicos de estilo Santarém coletados por morador local; 3.2. Cerâmica incisa e ponteadada do sítio Iruçanga; 3.3. Fragmentos não decorados, mas com tecnologia semelhante à fase Santarém; 3.4. Campo de futebol em sítio de terra preta com fragmentos cerâmicos em superfície.



Figura 4 - Mapa da área de pesquisa e sítios detectados.



Ainda, uma tipologia de sítios pôde ser definida por meio de categorias que consideram as dimensões dos assentamentos, os locais de implantação na paisagem, as características geomorfológicas, a cor do solo, as distância dos cursos d'água e a densidade de vestígios arqueológicos: 1) Grandes aldeias às margens do rio Tapajós – Sítios Aldeia e Porto; 2) Aldeias menores às margens do rio Tapajós – Sítios Juá, Pajuçara, Etelheiro Urubu, Iruçanga, Pindobal 1 e Jucuruy; 3) Aldeias menores situadas em barrancos às margens do rio Tapajós – Itapari; 4) Aldeias menores, distantes das margens do rio Tapajós e próximas a igarapés – Sítios Mangal, São Braz 1, São Braz 2, São Braz 3, Irurama 1, Irurama 2, Irurama 3, Macaco, Santa Rosa, Pagliari 1, Vila Nova 3, Pindobal 2; 5) Aldeias em serras e topo de morro – Sítio Carapanari, Serra do Mocotó, Pagliari 2, Vila Nova 1, Vila Nova 2, Farinha 1 e Farinha 2, Jatobá e Guela da Morte; e 6) Sítios Defensivos – Serra do Caruari (Tabela 1).

Tabela 1 - Sítios Arqueológicos da Região de Santarém, PA.

| Sítios | Dimensões | Altitude | Compartimento Topográfico | Localização |
|---------------------|-------------------------------|----------|---------------------------|---------------------------------|
| 1. Aldeia | 1900 m X 640 m (121,60 ha) | 20 m | Baixa vertente | Cidade de Santarém |
| 2. Carapanari | 150 m X 150 m (2,2 ha) | 60 m | Topo de Morro | Comunidade de Carapanari |
| 3. Irurama 1 | 300 m X 200 m (6 ha) | 20 m | Média Vertente | Comunidade de Irurama |
| 4. Irurama 2 | 100 m X 150 m (1,5 ha) | 25 m | Média Vertente | Comunidade de Irurama |
| 5. Irurama 3 | 192m X 170 m (3,2 ha) | 68 m | Alta Vertente | Comunidade de Irurama |
| 6. Itapari | 150 m X 100 m (1,5 ha) | 40 m | Terraço | Comunidade de Itapari |
| 7. Serra do Caruari | 300 m X 20 m (0,6 ha) | 65 m | Topo de Morro | Vila de Alter do Chão |
| 8. Serra do Mocotó | 150 m X 150 m (2,25 ha) | 40 m | Topo de Morro | Vila de Alter do Chão |
| 9. Pagliari 1 | 165 m X 145 m (2,3 ha) | 70 m | Alta Vertente | Comunidade de Santa Rosa |
| 10. Pagliari 2 | 225 m X 155 m (3,4 ha) | 110 m | Topo de Morro | Comunidade de Santa Rosa |
| 11. Macacos | 150 m X 110 m (1,6 ha) | 53 m | Alta vertente | Comunidade de Ponta de Pedras |
| 12. Santa Rosa | 208 m X 202 m (4,2 ha) | 95 m | Alta Vertente | Comunidade de Santa Rosa |
| 13. Iruçanga | 167 m X 162 m (2,7 ha) | 30 m | Terraço | Comunidade de Iruçanga Belterra |
| 14. Guela da Morte | 645 m X 410 m (26,4 ha) | 171 m | Topo de Morro | Belterra |

| | | | | |
|---------------------|----------------------------|-------|------------------------|---------------------------------|
| 15. Pindobal 1 | 200 m X 115 m (2,3 ha) | 60 m | Média Vertente | Comunidade de Pindobal Belterra |
| 16. Pindobal 2 | 200 m X 94 m (1,8 ha) | 50 m | Média Vertente | Comunidade de Pindobal Belterra |
| 17. Pajuçara | 330 m X 275 m (9 ha) | 30 m | Baixa vertente | Comunidade de Pajuçara |
| 18. Juá | 405 m X 115 m (4,6 ha) | 34 m | Alta e média vertentes | Lago do Juá |
| 19. Mangal | 227 m X 95 m (2,1 ha) | 30 m | Média Vertente | Comunidade de São Braz |
| 20. São Bráz 1 | 75 m X 65 m (0,5 ha) | 97 m | Alta vertente | Comunidade de São Braz |
| 21. São Bráz 2 | 100 m X 45 m (0,45 ha) | 45 m | Alta vertente | Comunidade de São Braz |
| 22. São Bráz 3 | 177 m X 125 m (2,2 ha) | 50 m | Alta vertente | Comunidade de São Braz |
| 23. Vila Nova 1 | 176 m X 75 m (1,3 ha) | 103 m | Topo de Morro | Comunidade de Vila Nova |
| 24. Vila Nova 2 | 165 m X 150 m (2,4 ha) | 95 m | Topo de Morro | Comunidade de Vila Nova |
| 25. Vila Nova 3 | 145 m X 130 m (1,8 ha) | 45 m | Alta vertente | Comunidade de Vila Nova |
| 26. Farinha 1 | 85 m X 63 m (0,5 ha) | 173 m | Topo de Morro | Comunidade de Vila Nova |
| 27. Farinha 2 | 525 m X 370 m (19,4 ha) | 160 m | Topo de Morro | Comunidade de Vila Nova |
| 28. Jatobá | 650 m X 377 m (24,5 ha) | 156 m | Topo de Morro | Comunidade de Jatobá |
| 29. Etelheiro Urubu | 674 m X 405 m (27,2 ha) | 15 m | Média vertente | Vila de Alter do Chão |
| 30. Jurucuy | 154 m X 125 m (1,9 ha) | 30 m | Média vertente | Comunidade de Pindobal Belterra |

As coletas de superfície amostrais bem como o exame de coleções de particulares, estas últimas resultantes de coletas seletivas realizadas por proprietários de alguns terrenos onde foram identificados sítios, revelaram aspectos dignos de registro no que tange à cerâmica da fase Santarém. Conforme mencionado, a quase totalidade dos sítios da área de pesquisa, na margem direita do rio Tapajós entre Santarém e Belterra, apresentou fragmentos cerâmicos que permitem com segurança estabelecer uma associação à fase Santarém. São elementos diagnósticos: fragmentos de vasos de cariátides; vasos globulares com pintura vermelha; artefatos domésticos com incisões e ponteados nas bordas; bases com impressão de esteiras; fragmentos de estatuetas antropomorfas; apêndices modelados zoomorfos/antropomorfos (Figura 5).

A cerâmica das aldeias periféricas é a mesma em termos tecnológicos, morfológicos e decorativos, exibindo ainda grande continuidade desses padrões nos artefatos de uso diário, quando comparados aos encontrados nos sítios centrais (Aldeia e Porto). Esses objetos utilitários possuem formas semelhantes, com motivos abstratos similares, compostos por incisões e ponteados encontrados nas bordas. Alguns artefatos exibem impressões de esteiras nas bases. Entretanto é notável a existência de variações na parafernália ritual (vasos de cariátides; vasos de gargalo e vasos globulares), quanto à forma (flanges variadas; bordas maiores), capacidades volumétricas (muito grandes ou muito pequenas), ocorrência de decoração pintada e figurações iconográficas, algumas inexistentes nos sítios centrais (Figura 5.4 e 5.7A-B). O que se percebe é uma grande liberdade de expressão nos sítios menores, enquanto no Aldeia existe uma maior padronização desses artefatos (GOMES, 2002), justamente aqueles envolvidos nas cerimônias xamânicas, sugerindo assim uma independência com relação às grandes aldeias. Em outras palavras, não se observa nos sítios periféricos uma circulação de objetos rituais produzidos nos sítios Aldeia e Porto, mas ao contrário uma produção própria com variações iconográficas, que expressam as mesmas noções estéticas no âmbito regional, vinculadas a cosmologias animistas/perspectivistas (GOMES, 2012).

Figura 5 - Fragmentos coletados durante a prospecção. 5.1 a 5.4. Variações de vasos de cariátides; 5.5. Fragmento de vaso globular com incisões e pintura vermelha; 5.6. Fragmento de estatueta; 5.7A e 5.7B. Diferentes vistas do mesmo apêndice (zoo-antropomorfo); 5.8 a 5.11. Fragmentos de artefatos de uso doméstico; 5.12 e 5.13. Impressão de esteira; 5.14. Fragmento de assador com incisão; 5.15. Fragmento de borda com filete aplicado e pintura vermelha.



OS PADRÕES DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA PRÉ-COLONIAL

Os fatores ecológicos sempre estiveram no centro da discussão sobre os padrões de ocupação na Amazônia. Meggers (1987 [1971]) sugeriu que durante o período pré-colonial populações densas e sedentárias raramente existiram na Amazônia, com exceção de alguns casos documentados pelas fontes etno-históricas (ex. Tapajós e Omáguas). Para a autora, devido às limitações impostas pelo meio ambiente,

especialmente a baixa fertilidade dos solos amazônicos, o mais comum seriam os padrões de assentamento dispersos, não permanentes, com baixa densidade populacional, semelhantes às comunidades autônomas conhecidas etnograficamente.

Além disso, autores a exemplo de Lathrap (1975 [1970]), Carneiro (1970) e Roosevelt (1980; 1993; 1999), defensores do modelo evolutivo de várzea, sustentam que grandes aldeias com expressiva densidade populacional de fato existiram, tendo surgido em áreas ribeirinhas às margens do Amazonas e de seus principais tributários, onde as sociedades complexas teriam se desenvolvido. As regiões de terra firme foram vistas como áreas que se conformavam mais aos padrões etnográficos descritos por Meggers.

De acordo com modelo geral de Lathrap (1975 [1970]), conhecido como o “modelo cardíaco”, a Amazônia Central foi vista como um antigo centro de origem da cerâmica na América do Sul, ocupado desde o início do Holoceno, sendo o local de dispersão de grupos como os proto-Tupi – hipótese adotada por Brochado e posteriormente expandida para explicar a origem dos Tupinambá e Guaraní (NOELLI, 1998:652). A partir do primeiro milênio da era Cristã, a grande densidade populacional das várzeas da Amazônia Central teria gerado outras pressões demográficas.

Para Lathrap, as várzeas amazônicas abrigaram densas populações, unidades políticas vastas, com chefes poderosos, sacerdotes, templos e ídolos, conforme os relatos dos primeiros exploradores europeus do século XVI. Consequentemente, a solução imediata para essas crescentes pressões foi a colonização de novas áreas, cada vez mais afastadas dos principais rios, incluindo regiões de floresta. Para esse autor, outra forma de lidar com essa situação foi a guerra, que consistia numa competição por terras agrícolas e pelo acesso aos recursos aquáticos. Os novos povoamentos teriam sido mais reduzidos, mais dispersos e mais móveis. Segundo Lathrap, essa dinâmica populacional fez com que existissem grandes diferenças no nível de complexidade cultural entre os grupos de terra firme e os que habitavam as várzeas.

Carneiro (1970), em sua teoria sobre a origem do Estado, destacou a circunscrição ambiental como o principal fator explicativo sobre o surgimento dos estados em diferentes regiões do mundo. Com a pressão populacional pelas terras, as aldeias tendem à fissão. Surge então a guerra, motivada pela restrição de terras agrícolas, que assume uma importância econômica, sendo os perdedores incorporados à região dominada pelos vitoriosos. A intensificação desse mesmo processo, observado em várias partes do mundo, levou à emergência do Estado. Baseado nas informações etno-históricas, Carneiro questiona porque existiram chefias complexas na Amazônia se muita terra estava disponível. Sua explicação ressalta a limitação dos solos de várzea e a concentração de recursos aquáticos, o que produz efeitos similares à circunscrição.

Em épocas pré-coloniais, a concentração populacional nas margens do Amazonas também levou à guerra e à integração territorial, gerando os cacicados. Por fim, Carneiro discute a noção de circunscrição social ou a grande proximidade das aldeias num dado território. Observada no exemplo etnográfico dos Yanomamö, o resultado mais frequente é a guerra. Argumenta-se que, uma aldeia mesmo mantendo uma organização social autônoma, sua tendência é se mover direção a um desenvolvimento político mais elevado. O autor estima que esse processo de circunscrição também deve ter operado entre os grupos amazônicos pré-coloniais.

Heckenberger *et. al.* (1999), com base em dois exemplos arqueológicos apresentados, afirmam que grandes assentamentos estavam presentes tanto na várzea como na terra firme. O primeiro caso diz respeito a um sítio nas margens do Rio Negro (Açutuba), composto por diferentes áreas continuamente ocupadas, que se estendem por 3 km. A área principal exhibe modificações intensas na paisagem, tais como uma praça central, trabalhos de terra e deposições especializadas. O segundo exemplo diz

respeito a três grandes sítios (30-50 ha) localizados Alto Xingu com ocupações contínuas que apresentam configuração circular, praça central e caminhos regulares, além de estruturas defensivas elaboradas em forma de valetas. O que chamou a atenção dos autores foi existência de grandes aldeias indicativas de considerável densidade populacional, que se estabeleceram em dois diferentes cenários ecológicos. Essas evidências demonstram a inoperância do modelo várzea/terra firme, indicando a grande variabilidade da paisagem amazônica. Outra conclusão é que essas populações provavelmente não estiveram restritas a formas de ideologia igualitárias.

Ainda, Heckenberger (2005), ao discutir com maior detalhamento a trajetória histórica de longa duração do Alto Xingu, onde, segundo ele, emergiram estruturas sociais hierárquicas comumente atribuídas aos cacicados, critica a ênfase dada pelos referidos estudiosos à demografia e ao modelo de várzea. De acordo com o autor, o conhecimento das origens, da distribuição e da natureza das sociedades complexas amazônicas permanece sem resposta devido ao foco na questão demográfica e econômica, o que leva a uma falta de compreensão das sequências sócio-históricas. Para ele, é preciso investigar as causas da complexidade nos domínios da socialidade e da política, uma vez que a demografia e a economia não podem ser compreendidas abstraídas da cosmologia, da ideologia e da estética cultural. Sua descrição da sociedade do Alto Xingu reconhece a hierarquia de classes baseada na hereditariedade, com acesso diferencial das pessoas a coisas materiais e simbólicas, como a base ideológica ou o motor crítico dos cacicados que lá emergiram no passado. De acordo com Heckenberger, tais formas de poder se inscrevem nos espaços: nas aldeias circulares, nas praças centrais, nas estruturas defensivas e na paisagem.

A "DESTERRITORIALIZAÇÃO" E O CONTROLE DO ESPAÇO:

Gomes (2017) destacou a ocorrência de um padrão de assentamento pré-colonial, evidenciado por trabalhos recentes de prospecção na área urbana de Santarém, PA, até então não registrado arqueologicamente. Esse, que pode ser correlacionado aos relatos etno-históricos que reportam a existência de aldeias densamente povoadas, consiste em duas grandes aldeias assentadas às margens do rio Tapajós ao longo de 4 km, as quais são contemporâneas e praticamente contínuas, somente separadas por um lago sazonal. Nesse caso trata-se do sítio Aldeia, com 121 ha, e do sítio do Porto, com 89 ha, ambos ocupados entre os séculos XIII e XVI d. C. Tomando em consideração a área dos sítios Aldeia e Porto, a densidade dos vestígios de ocupação e as datações de C14, é possível propor a existência de grandes populações assentadas nessa área. Por outro lado, a presença dos sítios vizinhos a essas grandes aldeias foi compreendida como um processo de fissão populacional, resultante de pressões demográficas, sociais e políticas nos sítios centrais, que deu origem a vários outros sítios.

Os resultados da pesquisa realizada numa área de 500 km², situada entre Santarém e Belterra, indicam o surgimento de sítios em diferentes compartimentos geográficos: poucas aldeias situadas nas margens e barrancas do rio principal; outras mais numerosas e distantes da margem do Tapajós, mas próximas a igarapés; aldeias isoladas e sítios defensivos em topo de morros. Esse último, exemplificado pelo sítio Serra do Caruari, teve essa função sugerida a partir de sua implantação no topo de morro íngreme e de difícil acesso, da morfologia incomum (uma faixa estreita de terra medindo 300 X 20 m), da visibilidade de 360° e da baixa densidade cerâmica além da ausência de artefatos comumente encontrados em outros sítios habitação.

A partir das evidências materiais reunidas, tentamos visualizar a formação dinâmica do espaço social em Santarém, PA, durante épocas pré-coloniais. Percebemos, a partir disso, a existência de um movimento de fragmentação, antes descrito como

fissão de aldeias. Esse mesmo movimento aqui indicado é compatível com as conclusões de outros pesquisadores atuantes na região que também reconheceram a existência de aldeias contemporâneas a essa ocupação tardia em Santarém, na região de Belterra, compreendendo-a como uma expansão (SCHAAN, 2016; STENBORG, 2016).

Embora a grande maioria dos sítios detectados por essa pesquisa não tenha sido escavada e nem datada, as escavações realizadas em Aldeia e Carapanari (Figura 1), juntamente com a cronologia obtida nesse último (510 – 260 AP.), permitem estabelecer comparações cronológicas com os sítios Cedro (550-240 A.P.), Amapá (300 A.P.) e Bom Futuro (588-385 A.P.), da região de Belterra, pesquisados por Schaan (2016) e Stenborg (2016). A cronologia existente indica o estabelecimento tardio desses sítios a partir do século XIV d.C., ou após um século de ocupação nos sítios Aldeia e Porto, sugerindo um movimento de fissão desde os sítios centrais. Além disso, comparações morfológicas e iconográficas da cerâmica das aldeias menores com a dos sítios centrais apontam a existência de variações morfológicas e iconográficas significativas nos vasos cerimoniais, fazendo com que as primeiras sejam consideradas aldeias politicamente independentes. Essa argumentação também se baseia na ausência de outras formas de materialidade (hierarquia de assentamentos, arquitetura monumental, obras de beneficiamento hídrico, campos elevados etc.) que sustente a hipótese centralização política, apesar do reconhecimento de hierarquias sociais ou da existência de possíveis chefias emergentes no centro político.

A comparação das evidências arqueológicas aqui reunidas, com os modelos interpretativos acerca dos padrões de ocupação da Amazônia pré-colonial, demonstra que em certa medida as proposições de Lathrap (1975 [1970]) e Carneiro (1970) são relevantes nesse caso. Enquanto modelos gerais, ambos foram vistos como deterministas (HECKENBERGER, 2005; NEVES, 2008), uma vez que destacam o aumento demográfico e as condições ecológicas favoráveis das áreas de várzea como os fatores explicativos da emergência da complexidade social na Amazônia, desconsiderando essa possibilidade em outros ambientes. As grandes aldeias de Santarém parecem funcionar como um exemplo “clássico” dessas premissas, devido ao tamanho e contemporaneidade das mesmas (indicativo de aumento populacional), ao lado de sua situação ecológica privilegiada, com acesso às várzeas do Amazonas e a vastas extensões de terra firme ao longo do rio Tapajós. Além disso, ambos os modelos indicam os movimentos de fissão como parte da dinâmica que deu origem a outros assentamentos, alguns deles localizados em áreas menos favorecidas ecologicamente.

Entretanto há dois aspectos que não se conformam a esses modelos. Em primeiro lugar, a guerra, que, de acordo com os referidos autores, seria motivada pela disputa de terras. Em segundo lugar, a ideia de anexação de territórios por parte dos vencedores. As evidências de conflitos em Santarém são discretas, sugeridas pela existência de assentamentos em topo de morro, alguns de difícil acesso, ou mesmo com ampla visibilidade, e que não parecem confirmar uma situação de guerra intensa originada pela disputa de terras agrícolas. Por outro lado, os assentamentos periféricos não apresentam indícios de subordinação às aldeias centrais, tendo em vista as características da cerâmica ritual, sugestivas de produção local e independência estilística.

Em concordância com as críticas de Heckenberger (2005), que rejeita o modelo evolutivo de várzea como explicação geral para dar conta do surgimento das sociedades complexas amazônicas e elege aspectos sociais, políticos, ideológicos e estéticos como o centro da investigação, uma interpretação alternativa acerca das formas de organização sócio-políticas que se desenvolveram em Santarém no período pré-colonial tardio foi recentemente proposta por Gomes (2017). Essa explicação foi construída a partir de

uma abordagem ontológica, inserida num amplo debate teórico no âmbito da arqueologia/antropologia (ALBERTI *et. al.* 2011; ALBERTI & MARSHAL, 2009), que leva em conta modos relacionais de interação entre humanos, não humanos e a materialidade. Além de evidências relativas aos padrões de ocupação espaciais, grande ênfase foi dada ao estudo dos objetos rituais, cuja iconografia revelou temas associados ao xamanismo e a ontologias perspectivistas, com expressiva recorrência das imagens figurativas de transformação interespecífica (ex. seres humanos em pleno processo de transformação em animais; seres híbridos; faces humanas com detalhes anatômicos que induzem a visão de outros seres etc.).

Tais imagens foram vistas como sugestivas de uma instabilidade cosmológica, que na esfera terrena se traduz pelas ameaças ao igualitarismo, dadas pelo crescimento populacional e pela possibilidade de emergência de líderes individuais, também figurados nas estatuetas. Junto com a chefia, o xamanismo emerge como uma importante instituição capaz de lidar com o poder no plano da cosmopolítica (SZTUTMAN, 2012). Através do ritual as relações humanas instáveis são estabilizadas. Por outro lado, a fragmentação do espaço social surge como um indicador das ações voltadas para evitar a emergência de formas sócio-políticas centralizadas.

Essa interpretação é reforçada pelas proposições de Pierre Clastres (2003 [1974]), para quem a constituição do poder nas sociedades das terras baixas sul-americanas pode ser compreendida como um processo constante de manutenção da ordem igualitária, através da adoção de estratégias intencionais, visando evitar a cristalização do poder individual e o surgimento potencial do Estado. Destacamos a importância dessa tese ao reconhecer o valor das sociedades ameríndias e romper com o postulado evolucionista de que a formação do Estado (ou de suas formas intermediárias) só seria possível a partir de um grau mais elevado de desenvolvimento econômico ou de diferenciação política das sociedades antigas.

É por meio da adoção do conceito de desterritorialização de Deleuze & Guattari (1995; 1997 [1980]) que se pode compreender os padrões de ocupação aqui observados. Esses mesmos autores, em diálogo com a obra de Clastres, especialmente sua tese sobre as sociedades contra o Estado, esclarecem que os mecanismos conjuratórios ao surgimento do aparelho de Estado nas sociedades ameríndias dizem respeito à chefia. O Estado por seu turno não se define pela presença de chefes, que inclusive estão presentes nas sociedades contra o Estado, mas sim pela perpetuação ou conservação dos órgãos de poder. Para esses autores o Estado sempre existiu e em toda a parte, seja como Estado primitivo real, constantemente identificado pela arqueologia, ou de maneira virtual. Mesmo naquelas sociedades onde o Estado não se desenvolveu, essas mesmas, segundo os autores, certamente tiveram contato com ele, ainda que indiretamente.

Entretanto, para Deleuze & Guattari (1995; 1997[1980]) existem vários mecanismos de inibição coletiva que podem ou não ser sutis. Dentre os mecanismos contra a formação do Estado está a desterritorialização, descrita pelos autores como o movimento pelo qual se abandona o território numa operação de linha de fuga. Isso é visto como uma operação complexa, que traz em si contraditoriamente o movimento inverso de reterritorialização que reorganiza o território segundo uma nova forma (DELEUZE & GATTARI, 1995:224; 1997 [1980]). Ou seja, são arranjos dinâmicos de configuração do território, em resposta às pressões de ordem social e política. E esse parece ser o movimento que explica a formação do território pré-colonial na região de Santarém, devido ao aumento da população nos sítios Aldeia e Porto, levando a novas divisões do espaço a partir do século XIII d.C.

CONCLUSÕES:

O que se depreende a partir dos resultados obtidos com a realização do levantamento de sítios, na área localizada na margem direita do rio Tapajós, entre Santarém e Belterra, é uma dispersão populacional a partir das grandes aldeias centrais em diferentes direções, o que inclui a ocupação em distintos locais da paisagem. Essa mesma dispersão também vem sendo reconhecida por outros pesquisadores atuantes na região de Santarém. Conforme mencionado, Stenborg (2016:15-20) e Schaan (2016:25) se referem à ocupação do platô de Belterra como uma ocupação sazonal, que a partir do século XIV d.C. se intensifica, tornando-se permanente apesar das condições ecológicas desfavoráveis, distância do principal rio e das secas severas, o que fez com que os habitantes cavassem poços.

Por outro lado, a partir do referido trabalho de prospecção e de escavações contextuais realizadas no sítio Aldeia, nota-se a ausência de evidências materiais que apontem para a existência de uma organização política centralizada, com desigualdades individuais marcantes, presença de arquitetura monumental ou obras que exigiriam a coordenação de um grande número de pessoas, tais como os tesos ou os campos elevados existentes nas Guianas ou nos Llanos Bolivianos (GOMES, 2017). Além disso, os vestígios cerâmicos coletados durante o levantamento também indicam que embora exista uma unidade estilística, a cerâmica de estilo Santarém está sujeita a variações locais (Figura 5), sugerindo sua independência com relação a um possível centro político.

Assim, levando em conta esses aspectos, a adoção de um modelo teórico no campo da antropologia política que permita pensar o poder e a especificidade das sociedades amazônicas do passado pré-colonial, coloca como alternativa a discussão da obra de Clastres e o diálogo que se estabelece com a de Deleuze e Guattari. Sítios de difícil acesso, que a princípio parecem pouco propensos à ocupação, tais como Carapanari, Serra do Mocotó, Pagliari 2, Vila Nova 1, Vila Nova 2, Farinha 1 e Farinha 2, Jatobá e Guela da Morte, situados em serras e alguns desses em morros com vertentes ravinadas, que se destacam na paisagem, podem ser parte da desterritorialização motivada pela pressão demográfica e por questões sociais e políticas. A nova formação resultante a partir desse movimento de fissão constitui o que pode ser compreendido como a formação de múltiplos territórios. O conceito de desterritorialização contribui, portanto, para uma visão histórica mais dinâmica do processo de constituição das sociedades complexas amazônicas, que ressalta a importância das escolhas políticas dos grupos humanos relativas à formação do espaço social, nesse caso, contrários à centralização.

AGRADECIMENTOS

Os resultados do levantamento arqueológico aqui apresentado são frutos de prospecções realizadas na região de Santarém desde 2006, sendo intensificadas no ano de 2010. As pesquisas foram financiadas pelo CNPq (Processo: 473224/2006-2) e pela Fapesp (08/58701-6), que também concedeu uma bolsa de iniciação científica à segunda autora (2010/06211-5). Agradecemos às sugestões dos pareceristas anônimos que nos permitiram aprimorar o artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, B.; FOWLES, S.; HOLBRAAD, M.; MARSHALL, Y. & WITMORE, C. 2011. Worlds Otherwise: Archaeology, Anthropology and Ontological Difference. *Current Anthropology*, 52 (6), 896-913.
- ALBERTI, B. & MARSHALL, Y. 2009. Animating Archaeology: Local Theories and Conceptually Open-ended Methodologies. *Cambridge Archaeological Journal*, 19 (3), 345-57.
- CLASTRES, P., 2003 [1974]. A sociedade contra o Estado. In: *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac Naify, pp. 11-79.
- CARNEIRO, R. L. 1970. A Theory of the Origin of the State. *Science*, 169 (3947): 733-738.
- DAVID, A. 2006. Finding Sites. In: BALME, J. & PATERSON, A. (Eds.), *Archaeology in Practice: A Student Guide to Archaeological Analysis*, pp. 1-38.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1995 [1980]. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1997. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- FIGUEIREDO, C. G. 2016. Archaeological Potential in the Flona-Tapajós. In: STENBORG, P. (ed.), *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, (Gotarc Series A Gothenburg Archaeological Studies 6), Gothenburg, pp. 47-52.
- GOMES, D. M. C., 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica do MAE-USP*. São Paulo, Edusp/Fapesp /Imprensa Oficial.
- GOMES, D. M. C. 2007a. The Diversity of Social Forms in Pre-Colonial Amazonia. *Revista de Arqueologia Americana* 25: 189-225.
- GOMES, D. M. C. 2007b. Primeiro Relatório Parcial do Projeto “Cronologia e Contexto Cerimonial da Cultura Santarém”. *Relatório Apresentado ao IPHAN*.
- GOMES, D. M. C. 2008. *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial*. São Paulo, Edusp.
- GOMES, D. M. C. 2010a. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In: PEREIRA, E. & GUAPINDAIA, V. L. C. (Org.), *Arqueologia Amazônica*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, SECULT, IPHAN, v. 1, pp. 213-234.
- GOMES, D. M. C. 2010b. Oitavo Relatório Parcial do Projeto “Cronologia e Contexto Cerimonial da Cultura Santarém”. *Relatório Apresentado ao IPHAN*.
- GOMES, D. M. C. 2012. O Perspectivismo Ameríndio e a Ideia de uma Estética Americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas* 7 (1):133-59.
- GOMES, D. M. C. 2017. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. *Cambridge Archaeological Journal*, 27(2): 275-293. doi:10.1017/S0959774316000627.
- HECKENBERGER, M. J. 2005. *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon A.D. 1000-2000*. Abingdon: Routledge.
- HECKENBERGER, M.; PETERSEN, J. B. & NEVES, E. G. 1999. Village Size and Permanence in Amazonia: Two Archaeological Exemplos from Brazil. *Latin American Antiquity*, 10 (4): 353-376.
- LATHRAP, D. 1975 [1970]. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Editorial Verbo.
- MARTINS, C. M. P. 2012. Os Moradores do Centro: Ocupações Indígenas Pré-Coloniais no Baixo Rio Tapajós. In: SCHAAN, D. P. (Org.), *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, PA*. Belém, GK Noronha, pp. 37-55.
- MEGGERS, B. 1987 [1971]. *Amazônia: A Ilusão de um Paraíso*. Rio de Janeiro: Itatiaia.

- MEGGERS, B. & C. EVANS, 1961. An experimental formulation of horizon styles in tropical forest of South America. In: Lothrop, A. (Ed.), *Essays in Precolumbian Art and Archaeology*, Harvard, Harvard University Press, pp. 372-88.
- NEVES, E. G. 2008. Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, H. & ISBELL, W. *Handbook of South American Archaeology*. London: Springer, pp. 359-379.
- NIMUENDAJU, C., 1949. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 10:93-106.
- NIMUENDAJU, C. 2004. In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. A Posthumous Work Compiled and Translated by Stig Rydén and Per Stenborg. *Ethnologiska Studier* 45, Götenborg.
- NOELLI, F. S. 1998. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and historical linguistics. *Antiquity*, Special sections: Issues in Brazilian archaeology, 72(277): 648-663.
- PEROTA, C., 1979. *Relatório de Trabalho de Campo: Bacia do Rio Tapajós*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica.
- PEROTA, C. 1982. *Relatório de Trabalho de Campo: Bacia do Rio Tapajós*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica.
- QUINN, E. 2004. *Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém: their age and archaeological context*. Tese de Doutorado. Chicago, University of Illinois at Chicago.
- ROOSEVELT, A. C., 1980. *Parmana: Prehistoric, Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press.
- ROOSEVELT, A. C., 1987. Chiefdoms in Amazon and Orinoco. In: DRENNAN, R. & URIBE, C. (eds.), *Chiefdoms in Americas*. University Press of America, pp. 153-85.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. Determinismo Ecológico na Interpretação do Desenvolvimento Social Indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (Ed.) *Adaptações e Diversidade do Homem Nativo da Amazônia*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 103-142.
- ROOSEVELT, A. C. 1993. The Rise and Fall of the Amazonian Chiefdoms. *L'Homme* 126-128: 255-82.
- ROOSEVELT, A. C. 1999. Complex Politics in the Ancient Tropical World. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association* 9:13-33.
- SCHAAN, D. P. 2016. Discussing Centre-Periphery Relations within the Tapajó Domain, Lower Amazon. In: STENBORG, P. (Ed.), *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, (Gotarc Series A Gothenburg Archaeological Studies 6), Gothenburg, pp.23-36.
- SCHAAN, D. P. & LIMA, A. M. A. 2012. A Grande Expansão Geográfica dos Tapajó. In: SCHAAAN, D. P. (Org.), *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá*, PA. Belém, GK Noronha, pp. 17-35.
- SIMÕES, M. 1978-1982. *Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira*. Belém, Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- STENBORG, P., 2016. Towards a Regional History of Pre-Columbian Settlements in the Santarém and Belterra Regions, Pará, Brazil. In: STENBORG, P. (Ed.), *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, (Gotarc Series A Gothenburg Archaeological Studies 6), Gothenburg, pp.9-20.
- STENBORG, P., D. SCHAAAN & LIMA, A. M. A. 2012. Precolumbian Land Use Settlement Pattern in the Santarém Region, Lower Amazon. *Amazônica – Revista de Antropologia*, 4 (1): 222-50.

- STENBORG, P., D. SCHAAN, C. ISENDALH, M. SÖDERSTRÖM, J. ERICKSSON, M. AMARAL, M. OLMO, 2014. The Cultivated Wilderness Project. Hinterland Archaeology in the Belterra Region, Para, Brasil. In: ROSTAIN, S. (ed.), *Antes de Orellana – Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Artes Gráfica Serial, pp.149-55.
- SZTUTMAN, R. (2012). *O Profeta e o Principal: A Ação Política Ameríndia e seus Personagens*. São Paulo, Edusp.
- WOODS, W. & J. McCANN, 1999. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths. *Yearbook Conference of Latin American Geographers* 25: 7-14.
- ZEIDLER, J. A. 1995. Archaeological survey and site discovery in the forested neotropics”. In: STAHL, P. W. (ed.), *Archaeology in the Lowland American Tropics*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 7-41.